

Musicalidade: um atributo humano

Marcelo S. Petraglia

(Publicado originalmente no Boletim da Sociedade Antroposófica no Brasil N. 70 / 2013)

Reconhece-se que o fazer musical é inerente à espécie humana. A história e mesmo a arqueologia mostram que música esteve presente na humanidade desde épocas imemoriais. Ela teve e continua tendo, um papel de destaque na expressão de nossos pensamentos, sentimentos e ações. Atualmente pode-se dizer que todas as culturas fazem música e que seus membros se expressam musicalmente, seja de forma rudimentar ou altamente sofisticada. Todavia a seguinte citação, contundente e provocativa, do poeta e cientista alemão Johann Wolfgang von Goethe, nos coloca diante de uma situação delicada: *“Quem a música não ama, não merece ser chamado de ser humano. Quem apenas ama, é um meio ser humano. Mas quem a música faz, é um ser humano completo”* (GOETHE. J. W. 1985).

Se *fazer música*, no sentido que normalmente se entende por isso (cantar, tocar um instrumento, participar de um coro, orquestra, compor e assim por diante), é o que caracteriza a condição plena de um ser humano, se deveria designar uma outra espécie para todos aqueles que não participam da categoria “músicos”. Sem dúvida isto seria absurdo, considerando tudo aquilo que, de modo amplo, constitui e caracteriza um ser humano. Todavia, a citação acima pode ter um outro sentido se a tomarmos como descrição de um processo: as etapas de um caminho de humanização. Este pensamento pressupõe um ser humano “não acabado”, sempre em desenvolvimento e em constante busca da realização de sua essência. E esta essência, segundo Goethe, parece estar intimamente ligada à arte musical. Para abrir e aprofundar esta reflexão poderíamos perguntar: pode alguém não amar a música? o que é amar a música? o que é realmente fazer música? E por fim: se somos todos seres humanos, pode haver um ser humano “não músico”?

Antes de iniciarmos a busca de respostas a estas questões, é importante deixar claro que esta discussão não toca apenas o aspecto semântico ou a definição do conceito “músico”, mas a própria essência da questão “ser ou não ser (músico)”. No que diz respeito a este problema, notamos uma cisão bastante nítida no discurso comum e confirmada tanto por aqueles que se auto denominam “músicos” quanto por aqueles que dizem “não sou músico”, “não entendo nada de música”, ou ainda “música não é pra mim”. Ao se expressar desta forma, um sujeito se refere a uma experiência vivida e não meramente a uma categoria abstrata. Esta experiência tem implicações profundas no seu modo de ver o mundo, ver o mundo da música e a si próprio neste contexto. Estão associadas à estas percepções valores, graus de autoestima, sentimento de pertencimento ou de exclusão e muitos outros aspectos fundamentais da vida interior e social.

Conforme Dewey (2005, p. 4-10), em nossa sociedade atual, por razões que podem ser

investigadas a partir de uma análise histórica, sociológica, antropológica e mesmo econômica, as pinturas e esculturas foram parar nas paredes e salas dos museus, os atores nos palcos e nas telas grandes e pequenas do cinema e televisão e a música nos conservatórios e salas-templos de concerto. A grande maioria acredita que a música é algo para ser apreciada à distância, feita por especialistas, gênios e pessoas dotadas de um dom especial. Estas pessoas com certeza existem, mas isto não deveria obscurecer a condição de “ser músico” e a musicalidade inerente a todo ser humano. É triste e mesmo assustador pensar que o fazer musical do ser humano comum tenha se reduzido a um “Parabéns pra Você” mal cantado no dia de aniversário.

Felizmente, uma observação mais aberta e atenta reconhecerá um fazer musical genuíno, latente ou explícito, em uma grande variedade de situações cotidianas: alguém que tamborila os dedos ao ritmo de uma música imaginária, outro que canta ao som do rádio no carro, um vendedor ambulante que entoa melodicamente e com ritmos intrincados a lista de seus produtos, até com os respectivos valores, enquanto o semáforo está no vermelho. Em todos estes, a música emerge como um impulso interior, dá sentido e integração ao contexto no qual esta vivendo. Naquele instante, à sua maneira, o sujeito está fazendo música.

A este respeito o filósofo da música Victor Zuckercandl diz:

... musicalidade não é propriedade de indivíduos, mas atributo essencial da espécie humana. A implicação é que não alguns homens são musicais enquanto outros não o são, mas que o homem é um animal musical., isto é, um ser predisposto à música e com necessidade de música, um ser que para sua plena realização precisa expressar-se em tons musicais e deve produzir música para si mesmo e para o mundo. Neste sentido, musicalidade não é algo que alguém pode ter, mas algo que – junto com outros fatores – é constitutivo do ser humano. (ZUCKERKANDL, V. 1976, p. 7-8)

Seguindo por este caminho, olhemos para as seguintes situações: uma mãe que canta para o seu pequeno filho, um grupo de pessoas cantando enquanto bebe cerveja num bar, um grupo de colaboradores de uma empresa que foi desafiado a criar uma música para expressar uma questão da sua área. Nenhuma destas pessoas provavelmente se auto intitularia “músico”. Considerando a nossa realidade atual, é também pouco provável que tenham algum tipo de educação musical formal. Todavia, elas estão ali em um processo que flui sonoramente, carregado de significado. Não se trata de sons desconexos mas de um real discurso musical. A mãe e a turma do bar podem estar cantando uma canção conhecida e aprendida pela audição, ou seja, incorporada a partir de fora, mas naquele momento se sentem totalmente identificados com ela. Podem eventualmente improvisar e

criar variações bastante próprias. O grupo de colaboradores da empresa pode ter elaborado um texto e em seguida o transformado em canção incorporando um estilo do seu universo de referências auditivas e musicais, um samba, um rap, uma marchinha ou mesmo criado algo bastante livre. Em conjunto, estas manifestações nos apresentam uma situação onde, diferentemente daquilo que normalmente acontece no universo musical institucionalizado, o criador, o interprete e o público, são um só. A música ganha aqui uma realização bastante próxima àquela que encontramos em comunidades que o olhar ocidental moderno chamaria de “primitivas”. Sociedades onde não só a música mas, de modo geral, todas as artes estão fortemente integradas aos demais acontecimentos da vida cotidiana. Faz-se música porque música faz parte da vida. Faz-se música para si mesmo, para celebrar, adorar, lamentar, curar, se divertir, ritualizar momentos significativos da vida de indivíduos e da coletividade. O fazer musical aparece neste contexto como uma expressão necessária daquilo que vive de forma muito mais ampla no indivíduo ou no grupo. A música não é pela música, mas é a forma sonora coerente com a experiência vivida.

Neste fazer musical intuitivo e natural, os fundamentos daquilo que chamamos de linguagem musical (afinação, escalas, métrica, ritmos, intervalos, etc.) agem de forma bastante inconsciente. A mãe ao cantar não se preocupa com a escala, ritmos ou estruturas formais da sua melodia. Os colaboradores da empresa seguem sua criatividade auditiva e simplesmente “encontram” o que lhes agrada. O que agrada se baseia e revela normalmente os padrões culturais no qual o indivíduo ou grupo está inserido e portanto condicionam em grande parte sua criação e interpretação. Entendemos que estes padrões culturais se formam no encontro das experiências particulares da vida, do tempo e do lugar, conjuntamente com aspectos mais universais e objetivos da acústica e da percepção. Todavia, parece equivocado confundi-los com a origem do fazer musical em si. Por serem culturais estes padrões naturalmente variam e devem, portanto, ser entendidos como o “filtro”, “capa” ou “molde” particular através do qual um impulso musical mais profundo vem a se manifestar. Este impulso musical fundamental seria, ele sim, o atributo e núcleo comum daquilo que poderíamos chamar de musicalidade humana. A musicalidade seria, neste sentido, inerente à nossa condição e poderia se manifestar das mais variadas formas e graus de elaboração segundo os valores e condições de cada indivíduo e cultura. Uma linguagem musical específica seria então a “roupa” que a musicalidade essencial, ancorada no íntimo de todo ser humano, veste para se apresentar aos ouvidos segundo a convenção cultural. A linguagem musical com seus diversos atributos torna-se a mediadora e a condição necessária para a manifestação de um impulso musical interior.

Neste ponto, podemos fazer uma conexão com a citação de Goethe que tomamos como ponto de partida para esta reflexão. Ser um ser humano completo seria então realizar no mundo sua essência mais íntima, tornar audível aquilo que existe em potência em todos nós. Ao fazer música, seja da forma mais singela ou em “grande estilo”, vivenciariamos esta conexão entre impulso interior que se confunde com nosso próprio impulso de vida e a sua realização musical exterior. Esta realização e integração entre o interno e o externo, poderíamos também dizer, uma coincidência entre aparência e essência, é o que parece evocar em nós uma *experiência estética*. Estética enquanto ato de fruição; vivência, ao mesmo tempo de dor e prazer, advinda da superação do sentimento de estar apartado do mundo e do outro, da conquista do sentimento de unidade e da atribuição de significado.

Aqui talvez resida a razão do amor à arte e em especial à música. O amor como busca de união, que se realiza no ato da expressão musical. Amar a música, no pensamento de Goethe, seria então o reconhecimento de que, através dela, superamos nosso isolamento em relação ao outro e em relação à vida que flui na natureza, nos integrando a elas sob uma forma cultural e humanizada. Para se vivenciar este amor não bastaria ouvir música “à distância” ou “*apenas amá-la*”. Seria preciso fluir com ela, entregar-se, seja como cantor, instrumentista, criador, maestro ou ouvinte. Cabe aqui uma reflexão: o maestro que não produz sons seria menos músico que os instrumentistas ou cantores de sua orquestra? E o ouvinte, que não está no palco, mas que se emociona até às lágrimas, está ele menos embebido de música e menos realizado do que quem produz os sons? Parece que amar a música independe do papel que desempenhamos na sua realização. Criador, performer e ouvinte parecem ser simplesmente posições diferentes na totalidade do fazer musical e cada um deles pode ser mais ou menos intenso na sua relação com a música assim como cada um de nós o é na realização do nosso potencial de amar.

Mas afinal, que diferença existiria então entre qualquer ser humano que se expressa musicalmente e aqueles que se dedicam anos a fio a aprimorar seu fazer musical como instrumentistas, cantores e demais profissionais do ramo? Pode-se dizer que, na essência, não há diferença alguma! Continuamos todos seres humanos e todos podemos fazer fluir nossa essência musical de forma plena e gratificante. O que muda são os recursos que temos, a maneira de proceder, a consciência de nossa escuta. Reconheço que as qualidades desenvolvidas no estudo da música fazem crescer nossa admiração por ela, ampliam nosso horizonte. Mas, podem aumentar nossa capacidade de vivenciá-la somente quando o estudo não destrói a sensibilidade e não abafa o ser musical interior com excesso de intelectualismo e teorias desprovidas de fundamento empírico.

Cabe ainda considerar o modo com o qual as pessoas que não receberam instrução musical expressam sua musicalidade. Elas certamente não partem dos elementos “in natura” da linguagem musical, nem de problemas e questões estruturais decorrentes dos mesmos. Elas simplesmente tomam os elementos já processados disponíveis no seu repertório e, a partir de escalas, estruturas harmônicas, ritmos e gestos melódicos consagrados do seu universo cultural, constroem seu discurso. Assim fazendo, agem pelo enfoque da *bricolagem*, mais à moda de um artista *bruto* ou *selvagem* combinando elementos preexistentes, do que por uma abordagem purista que cria e desenvolve a partir de elementos básicos. As técnicas aqui são principalmente as da apropriação, colagem, justaposição, sobreposição e ressignificação de unidades musicais disponíveis. Por não possuírem a consciência das qualidades e significados dos elementos básicos da música (e provavelmente nem se interessarem por este conhecimento) usam simplesmente o que está pronto e ao alcance da mão para dar vazão ao seu impulso musical. É ele que importa, é ele que quer fluir e os rótulos da linguagem utilizada tornam-se uma questão secundária. Aceita-se o que a cultura vigente já disponibilizou e pôde ser absorvido de modo inconsciente pela escuta. Assim, o que ouvimos frequentemente na expressão sonora e musical de “não músicos” é sua musicalidade interior revestida com elementos da linguagem musical estabelecida e configurada de modo intuitivo. A vivência estética se dá aqui pela experiência de se encontrar uma concretização do impulso interior no plano audível; não importando se para tanto foram usados recursos emprestados do caldo musical da cultura.

Para aqueles preocupados com o desenvolvimento da linguagem, a exploração de suas vertentes e limites, para aqueles que buscam o novo, estas expressões simples (mesmo simplórias) podem não ter valor algum. Mas deve-se reconhecer, assim como fez Dubuffet (DUBUFFET, 1999) que por mais simples que sejam e mesmo que não tragam uma novidade, são expressões genuinamente musicais e mesmo originais, se entendemos como original aquilo que tem uma “origem”: provem do íntimo da alma de um indivíduo ou de um grupo.

Assim, quando observamos a variedade das questões colocadas pelas explorações estéticas do “mainstream” musical, bem como a expressão pura e simples da musicalidade interior de cada um, podemos reconhecer então, em cada ser humano, um músico. Não reconhecer isto seria negar a alguém que simplesmente não teve uma educação formal em música ou sofre do preconceito de não “saber música” (seja este preconceito auto imposto ou consequência de suas experiências com o “establishment” musical), a possibilidade de realizar e ter uma experiência estética-musical. Músico seria portanto, todo aquele que realiza sua musicalidade inata em manifestação sensível; mesmo que

esta seja somente uma experiência interior.

Por fim, podemos dizer que, como seres humanos que fazem música em suas mais variadas formas e qualidades, somos todos por ela momentaneamente transportados a um estado extraordinário. São os momentos onde a vivência do tempo e do espaço ganha novos significados de acordo com a natureza e articulação do discurso musical. São momentos onde a experiência estética nos propicia a vivência de uma comunhão com a vida. E, assim como indicado por Goethe, sentimos ter atingido um estado de completude e nos aproximado um pouco mais do que é ser verdadeiramente humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEWEY, J. **Art as experience**. New York: Penguin Group, 2005.

DUBUFFET, J. **L'art brut préféré aux arts culturels**. In: *L'homme du commun à l'ouvrage*. Paris: Gallimard, 1999, pp.87-92.

GOETHE, J.W. (WALWEI-WIEGELMANN, H. ed.) **Goethes Gedanken über Musik**. Frankfurt: Insel Verlag, 1985.

ZUCKERKANDL, V. **Man the musician**. Princeton: Princeton University Press, 1976